Rita Barros. A fotógrafa radicada nos EUA desde 1980 e que vai inaugurar, no próximo dia 11, a exposição 'Presença na Ausência' na Galeria Pente 10, em Lisboa, publica no DN parte de uma série antiga sobre o paralelismo entre as suas cidades

Portfolio da lisboeta que também já é nova-iorquina

Conhece Ornette Coleman e jantou com Arthur Miller

FERNANDO MADAÍL

A lisboeta que chegou a Nova Iorque em 1980 para criar um curso de inglês durante seis meses ficou tão fascinada com a cidade onde, naquela época, uma nova geração estava a tentar reparar os edifícios e a recuperar todas as áreas em ruínas e bairros, da moda aos *graffiti* de Basquiat e de Keith Haring, da performance à poesia, do teatro em pequenos espaços ao concerto no Palladium, das obras de Jeff Koons à música de Lydia Lunch, que resolveu ficar ali e viver.

Quatro anos mais tarde, pensando ficar ali pelo menos o tempo suficiente para arranjar um apartamento, Rita Barros instalou-se no Chelsea Hotel e ainda continua a morar no quarto 108, onde Arthur C. Clarke escreveu *2001: Odisseia no Espaço* – e "Bosnia 08" foi o título da exposição que apresentou no Porto 2001, Capital Europeia da Cultura.

Naquele lendário hotel, onde jantou com escritores como Arthur Miller ou Gregory Corso e se cruzou com Bob Dylan ou Madonna a filmarem videoclips, resolveu fazer a série sobre os seus vizinhos, uma mistura de figuras ligadas sobretudo ao rock e à literatura, mas também à pintura ou ao cinema de ópera. Nos Encontros da Fotografia de Coimbra, em 1992, a autora que gosta de jazz e até conhece Ornette Coleman mostrou as imagens daquelas personagens com aspectos mais ou menos bizarros que, em 1996, iriam surgir sob o título *Fifteen Years After Chelsea*.

Em Setembro de 2002, no Centro Português de Fotografia, no Porto, entre de uma dúzia de séries e cores, a lisboeta nova-iorquina que aprecia a obra fotográfica de William Eggleston, Duane Michaels e Josef Koudelka (na sua fase dos ciganos) mostrava 24 imagens a preto e branco sobre o 11 de Setembro que registou em vários momentos, das Twin Towers ainda fumegantes até à noite em que o mundo ficou sem mais duas seguranças, intitulada "Um Ano Depois".

Agora, a pedido do DN, Rita Barros foi recuperar uma série "já pré-histórica", com cerca de 1000 e 2000 e marca montada em conjunto, em que foi digitar com imagens de Lisboa e Nova Iorque, obtendo efeitos de contraste ou semelhança cujo resultado os leitores podem apreciar nestas páginas. Do monumento ou edifício para turistas ao que vão percorrer bairros pelos seus habitantes mapeados urbanismos, passando pelo governo do poder político ou pela ambição sobre os locais dos

Vive desde 1984 no célebre Chelsea Hotel

muito significativo, a série em que procurou fazer um paralelo entre as duas cidades que tão bem conhece é muito mais vasta.

Entretanto, está quase a chegar a Lisboa para se inaugurar, a 11 de Novembro, na Galeria Pente 10, a sua exposição "Presença da Ausência", em que parte de um universo quase doméstico para, em resultados cromáticos intensamente exibidos, apresentar fragmentos da cidade, de vida.

E, depois, voltará a escutar o jazz de Don Cherry ou John Coltrane e a ler romances de Dostoiévski ou Bulgakov, de Xingjian ou Patrick ao hotel onde vivem figuras tão diversas como Mark Twain e Robert Mapplethorpe, onde Jack Kerouac escreveu *On The Road* e Thomas Wolfe o *You Can't Go Home Again*, que inspirou canções a Bob Dylan e a Leonard Cohen – e capaz mostrar fotografias de Rita Barros. ■

Vista da Torre de Belém para o Cristo Rei e Battery Park com vista para a Estátua da Liberdade. Uma paisagem parece deserta; a outra tem vida (gaivotas, barcos). Não é a metáfora para Lisboa e Nova Iorque, mas o resultado do ângulo e da hora de cada foto